

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: A. J. S. CASACA

Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira, E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.

RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00

Assinatura anual 20\$00

ANO XXI

ABRIL DE 1960

N.º 161

A CAMPANHA DAS MISSÕES

UM MEIO DE GANHAR ALMAS

A Campanha das Missões este ano deve constituir uma verdadeira actividade ao serviço do Mestre, para ganhar almas. A ordem é: «Ide por todo o mundo, prègai o Evangelho a toda a criatura. Quem crer e for baptizado será salvo.»

Daqui se depreende que não é suficiente anunciar o Evangelho; é também necessário levar as pessoas ao baptismo. Se fixarmos este alvo e trabalharmos para o alcançar, o Senhor coroará de êxito os nossos esforços.

A Campanha das Missões constitui uma importante faceta do nosso programa de evangelização, sendo uma das principais tarefas da igreja e todos os membros devem tomar parte nela. Com um plano bem organizado, com oração e a assistência do Espírito Santo, poderá converter-se numa empresa viva na conquista de almas para Cristo e não sòmente num esforço para reunir fundos ou dar a conhecer alguns aspectos filantròpicos da obra de nossas instituições.

Nenhuma outra actividade da Igreja põe em movimento tantos membros como a Campanha. É um empreedimento que mobiliza todos os irmãos para uma obra marcável de evangelização.

Damos graças a Deus por termos igrejas onde cada membro toma parte activa na Campanha e este exemplo deveria inflamar todas as outras, sentindo ser nosso privilégio falar da bem-aventurada esperança aos doadores.

Não há dúvida que as finanças desempenham um papel importante na obra missionária, pois mais ou menos a terça parte dos fundos para as missões provêm dos esforços feitos através da Campanha. Por sua vez as instituições médicas e educativas construídas com esse dinheiro, também alcançam e conquistam almas, cumprindo a ordem do Mestre.

Como pode a Campanha ser um meio eficiente para ganhar almas?

1. Trabalhando todos (membros e interessados) com o mesmo propósito e alcançando o alvo no mais curto espaço de tempo.
2. Aceitar o facto de que este trabalho foi estabelecido por conselho divino e é nosso privilégio nele tomar parte.
3. Lembrar que somos embaixadores de Cristo e que trabalhamos para Ele.
4. Buscar as almas ansiosas da verdade, tomando seus nomes e endereços, transformando-as em alunos da Escola Rádio-Postal ou pessoas que recebam estudos bíblicos.
5. Ser sempre amável e cortês, mesmo que não se tenha recebido qualquer donativo.
6. Tornar a Campanha uma actividade espiritual, preparando nossos próprios corações e vidas para um contacto directo com o mundo que agoniza e que necessita das nossas orações e da nossa mensagem, especialmente nesta era de trevas. «Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti. Porque eis que as trevas cobriram a terra, e a escuridão os povos; mas sobre ti o Senhor virá surgindo, e a Sua glória se verá sobre ti.» Isaías 60:1 e 2.

Conclusão

É nosso privilégio participar numa tal tarefa, submetendo-nos completamente à vontade de Deus, a fim de que a Campanha seja um meio bastante eficiente para ganhar almas.

A. Casaca

2 DE ABRIL — INÍCIO DA CAMPANHA DAS MISSÕES

JESUS E O SÁBADO

Jesus foi o criador do mundo. Os escritores do Novo Testamento não tinham nenhuma dúvida a tal respeito, pois em vários passos temos declarações como estas: «Deus que criou todas as coisas, por meio de Jesus Cristo» (Efésios 3:9). O autor da Carta aos Hebreus introduz o seu belo tema asseverando que Jesus é o Criador. Diz ele: «Havendo Deus, antigamente, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós, falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, a quem constituíu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo. O qual sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa», sustenta «todas as coisas pela palavra do seu poder» (Hebreus 1:1-3).

Todas as coisas do universo foram feitas pelo Senhor Jesus; é Ele o Criador e Mantenedor de tudo. Aquele que chamou todas as coisas à existência, naqueles seis primeiros dias do Génesis, é Aquele mesmo a quem amamos e honramos como nosso Salvador pessoal. Foi Ele quem fez o lar da família humana e fez também o homem e a mulher. É Ele o autor da nossa raça. Foi Ele quem nos deu a vida, e todas as boas coisas, para delas gozarmos. E foi Ele quem descansou no fim da obra da criação e se regozijou quando contemplou a obra que acabara de fazer. Foi Ele quem instituiu o Sábado, como memorial da sua obra criadora e do seu descanso.

Foi Ele quem andou no Jardim, na viração do dia, e conversou com Adão, instruindo-o nos princípios da vida.

Séculos mais tarde, quando Israel foi tirado do Egipto, para ser fiel testemunha de Deus, foi Jesus quem lhes revelou Deus. E foi Jesus quem os guiou na coluna de nuvens e na de fogo. Acompanhou-os em todas as suas peregrinações e satisfêz-lhes todas as necessidades. «E beberam todos de uma mesma bebida espiritual,

porque bebiam da pedra espiritual que os seguia: e a pedra era Cristo» (I Cor. 10:4). Foi Jesus o mensageiro celeste que falou com Moisés, no Monte Sinai, e lhe deu os vivos oráculos de Deus. (Actos 7:38). Foi Jesus quem desceu em glória sobre a montanha e declarou a vontade de Deus a Israel.

Visto Jesus haver sido, sempre, o meio de contacto entre Deus e o homem, também pronunciou as dez palavras no Sinai. Foi Jesus quem ordenou: «Lembra-te do dia de Sábado para o santificador». Era o Criador. Instituiu o Sábado, e agora ordena ao povo que o guarde como memorial eterno do facto de ser Ele o Criador e Senhor dos céus e da terra. Esse memorial devia ser «concerto perpétuo...»

«Entre Mim e os filhos de Israel será um sinal para sempre: porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, e ao sétimo dia descansou, e restaurou-se». (Êxodo 31:16-17).

Memorial da Redenção

O dia de Sábado é algo que pertence, de maneira especial a Jesus. Foi Ele o seu Criador. Foi Jesus quem o instituiu e ordenou. Aponta-o, portanto, como sinal eterno e eterno concerto com o seu povo, como evidência de que este o reconhece como Senhor da Criação. Mas, para o tornar mais precioso ao seu povo, fê-lo sinal de outra relação que também mantém com eles — a de Redentor e de Santificador. «Fala aos filhos de Israel, dizendo: Certamente guardareis os meus Sábados: porquanto isso é um sinal entre Mim e vós, nas vossas gerações; para que saibais que Eu sou o Senhor, que vos santifica». Verso 13. (Veja-se, também Ezequiel 20:12). Aquele, que no acto da criação, tomou um dia e o santificou, abençoando-o, e nele pôs a Sua presença, também é capaz de tomar homens e mulhe-

res pecadores, e de os transformar em seres santos e santificados — santos do Senhor — pondo nelles o seu Espírito.

O Sábado, memorial da Criação e sinal do poder criador, é, portanto, o sinal da nova criação, escolhido por Deus. Torna-se, assim, o Sábado um duplo sinal entre Jesus e aqueles a quem Ele remiu. É o sinal de que Ele é o Criador, e também o Santificador.

Portanto, prezados Irmãos, quanto importante é que tenhamos esse sinal na nossa vida, para que todos saibam que somos verdadeiramente adoradores de Jesus, o nosso Senhor e Deus!

O Sábado significa repouso. É o desconto de Deus. Jesus descansou das obras da criação, e determinou que o homem entrasse nesse repouso, e de Sábado em Sábado aprendesse e recebesse essa bênção que o descanso espiritual e a comunhão com o seu Mestre constituem. O pecado, porém, frustrou esse propósito. Mas de geração em geração, Deus manteve perante o seu povo a promessa de que algum dia novamente poderão entrar naquele descanso, libertos da maldição do pecado, e terão incontaminada e inquebrantável comunhão com Ele.

Enquanto aguardamos a vinda do tão almejado dia, podemos participar da promessa do descanso de Deus, pela observância do Sábado do Senhor.

Por que não deveriam, então, os cristãos observar, ansiosa e alegremente o dia que Jesus, seu Senhor e Mestre, criou, santificou, abençoou, instituiu, e observou, e que aponta como seu próprio?

Não hesitemos, portanto, em aceitar o facto de que Jesus no-lo dá como sinal do seu poder criador e da sua graça redentora.

Oxalá que este sinal de Jesus esteja escrito no nosso coração, e que também todos nós estejamos entre aqueles de quem o apóstolo revelador escreveu: «E os seus servos O servirão... e nas suas testas estará o seu nome». Apocalipse 22:3-4).

A VERDADE PRESENTE É PROCLAMADA COM FORÇA NA ITÁLIA DO NORTE

Um esforço de evangelização foi empreendido, no Outono passado, no norte da Itália, nas grandes cidades industriais de Milão e Turim. Durou desde 26 de Setembro até 19 de Dezembro de 1959.

Ferverosas orações e uma preparação cuidadosa precederam este empreendimento de envigadura, cuja direcção havia sido confiada pela Conferência Geral, ao Irmão Walter Schubert, a quem o autor serviu de traductor.

A União Italiana contribuiu com oito dos seus obreiros; dois outros prégadores, vindos do estrangeiro, os Irmãos M. Nazirian, do Líbano, e o Irmão A. Bueno, da Espanha, também tomaram parte nos trabalhos.

Apesar de todos os esforços que se fizeram foi impossível encontrar, tanto em Milão, como em Turim, salas adaptadas às conferências. Resolveu-se, portanto, que se efectuassem nos locais pertencentes à denominação: a nossa igreja de Milão que dispõe de cerca de 300 lugares, e a de Turim, mais pequena, que pode

Pelo PASTOR C. CUPERTINO
(DA DIVISÃO SUL-EUROPEIA)

contudo, acomodar mais de 120 pessoas.

Por isso, nesta última cidade, os nossos membros tiveram de instalar numa sala mais pequena,

contígua, para ouvirem o orador. Foi assim que pudemos reunir de 180 a 200 pessoas.

Era com ansiedade que esperávamos a reacção dos ouvintes às nossas conferências, que tinham de ser traduzidas! Felizmente, tudo correu bem. Todos os assistentes



Cerimónia de baptismos na Igreja de Milão



Grupo de obreiros que participaram na campanha de evangelização
Ao centro o Irmão Schubert, o Irmão Cavalcante e o Irmão Cupertino

seguiram as reuniões, desde o começo ao fim, e a frequência foi boa, se atendermos às circunstâncias. Contudo, em Milão, foi mais difícil, do que em Turim, de atrair o público às conferências, devido à má situação da nossa sala.

A esta dificuldade acresce ainda o facto de que os milaneses em geral, não costumam frequentar reuniões religiosas. Quando querem distrair-se, vão ao cinema, ao teatro, ou à ópera; quando pretendem ter às suas devoções, vão à igreja, e isso lhes basta. Por isso, além da publicidade oral e impressa, estabelecemos, também um programa intensivo de visitas domiciliárias. Também o

ESTUDO BÍBLICO

Tradução literal e Comentário pelo Pastor A. Vaucher

A Epístola de S. Paulo aos Colossenses

(CONTINUAÇÃO)

Parte prática, 3:5 a 4:6

1. — A transformação da vida individual, 3:5-17.

Mortificai portanto os vossos membros que estão sobre a terra: — Virtualmente morto e com Cristo, o cristão deve fazer morrer as más paixões que, antes da sua conversão, o arrastavam para o mal.

fornicação, impureza, paixões, desejos maus: — os vícios que caracterizam o homem afastado de Deus.

e a cubiça, a qual é uma idolatria. — «O dinheiro é verdadeiramente o grande e universal sacramento de todos os cultos falsos e de todas as idolatrias... O dinheiro é o grande ídolo e o sacramento de todo o mal, e o grande inimigo de Deus.» Alphonse Gratry, *Les Sources*.

Diremos antes: o amor do dinheiro é a raiz de todos os males (I Timóteo 6:10).

Por causa disso vem a cólera de Deus sobre os filhos da obediência, — «Hebraísmo que significa: homens desobedientes, rebeldes.» Oltremare, p. 387.

entre as quais vós também andastes, outrora, quando viveis nelas. — Também vós viveste nestas desordens.

Mas agora despojai-vos de também (de) todas as (estas) coisas: — a vida cristã começa pela renúncia.

da ira, da cólera, da malícia, da blasfémia (injúria), da maledicência, (que saem da vossa boca). — Grampon escreve: — Rejeitai todas estas coisas a cólera, a animosidade, a maledicência, as injúrias, as palavras

desonestas sejam banidas da vossa boca).

Não mintais uns aos outros, — o que seria infringir a lei a lei da solidariedade que liga os cristãos uns aos outros. (Efésios 4:25).

(despojando) do velho homem com as suas obras. — pois que já vos despistes «o homem natural, tal como descende de Adão.» (Grampon).

e revestindo (tendo revestido) o novo, que se renova — A Velha natureza não foi abandonada senão para se adoptar a nova, creada em Jesus Cristo, que é completamente diferente da antiga.

em vista de um sobre-conhecimento (conhecimento pleno) (conforme à imagem daquele que o criou. — Esta

irmão Schubert, o orador, tomou parte nestas visitas.

No início, as conferências foram feitas no ritmo de duas por semana, tanto em Milão, como em Turim. Mais tarde, adicionámos uma classe bíblica, o que elevou a seis o total das reuniões semanais. Como Milão e Turim distam uns 150 quilómetros, pode calcular-se o esforço que foi necessário efectuar!

Esta experiência ensinou-nos que é difícil preparar pessoas para o baptismo, só em três meses, quando se deve principiar a sua instrução, desde o início, e quando se trata de católicos, que conhecem pouco da Bíblia.

O orador ganhou rapidamente a confiança da maior parte do auditório, apesar de algumas pessoas terem tentado fazer oposição,

declarando que um Americano não podia permitir-se discutir a religião dos Italianos, que são quase todos ferozmente católicos. Um dirigente da Acção Católica tentou, várias vezes, interromper o nosso conferencista. Mas, por fim, confessou que tinha ficado perturbado pelas verdades que tinha ouvido, e deixou de fazer obstrução. E assim pudemos continuar a nossa campanha evangélica sem encontrarmos qualquer outra oposição séria.

Os esforços e a confiança dos obreiros foram recompensados, no dia 19 de Dezembro de 1959, data na qual trinta e uma almas exprimiram pelo baptismo o seu desejo de seguirem o Salvador e de se unirem ao resto dos que guardam os Mandamentos de Deus e que têm a fé de Jesus.

O Irmão Schubert regressou aos Estados Unidos depois destes primeiros e felizes resultados, deixando em Milão e em Turim, centenas de pessoas que, graças às suas mensagens, começaram a amar a Bíblia e a acreditar na Volta do Salvador. A maior parte dos obreiros que colaboraram no esforço de evangelização já regressou às suas terras de trabalho. Para continuarem a tarefa iniciada, ficaram o autor deste artigo e dois prégadores, um em Milão, e o outro em Turim — que também dão assistência aos pastores locais.

Planeamos organizar uma segunda cerimónia de baptismos, durante o mês de Fevereiro e uma terceira, para fins de Abril. O nosso objectivo é o de alcançar 75 novos membros para as igrejas de

renovação faz-nos assemelhar, sempre, cada vez mais, ao nosso Criador.

onde não há nem Grego nem Judeu, nem circuncisão, nem prepúcio, nem bárbaro, nem Cita, nem escravo nem livre. — Na comunidade cristã, as distinções de raças, de nacionalidade, de posição social, não contam para nada.

mas (onde é) tudo e em todos é Cristo. — «Naquele mundo, Cristo é tudo, e o único negócio consiste em possuir em Cristo no coração.» Oltramare, p. 401.

Revesti-vos, portanto, como eleitos de Deus, santos e bem-amados, das entranhas de compaixão, de bondade, de humildade, de doçura, de longanimidade. — A conversão não despoja o homem dos seus vícios, senão para o revestir das virtudes cristãs.

suportando-vos uns aos outros e perdoadando-vos mutuamente, se alguém tiver um agravo de qualquer outro (de

outro), — apoio mútuo, de perdão recíproco, condições da boa harmonia que deve reinar entre os Cristãos.

assim como o Senhor vos perdoou, assim também vós. — A generosidade com a qual Deus nos perdoou deve inspirar-nos uma generosidade igual para com os nossos semelhantes.

e por cima de todas estas coisas (revesti-vos) do amor, que é o laço da perfeição. — «Sem este laço, a excelência destas virtudes fica comprometida; mas ligadas pelo amor, são perfeitas.» Oltramare, p. 410.

«O Conflito dos Séculos»

Encontra à disposição do público português «O Conflito dos Séculos», essa obra-prima da pena inspirada de E. G. White, editada pela Publicadora Atlântico, Lda.

Desconto especial no preço para os membros de igreja na União Portuguesa.

Milão e de Turim. Quer dizer que temos de desenvolver, até o fim, uma intensa actividade e contar, cada vez mais, com o auxílio de Deus para alcançarmos o nosso alvo.

Os membros da Igreja prestaram-nos de todo o coração o seu concurso, durante a campanha; as suas ofertas foram generosas, embora as suas possibilidades financeiras sejam, em geral, bastante limitadas. Este esforço evangélico constituiu uma preciosa bênção para as nossas comunidades de Milão e de Turim, que sentiram um verdadeiro despertar religioso. Os nossos obreiros regressaram aos seus campos de trabalho cheios de uma nova inspiração, e determinados a empreender campanhas semelhantes evangélicas, noutras cidades da Itália. Vimos o poder

de Deus em acção, permitindo às pessoas, que assim o desejam, o poderem obter a guarda do Sábado. Não há nada que possa substituir os esforços de evangelização, quando se trata de aumentar o número dos crentes e de santificar a Igreja. Estamos cheios de gratidão para com Deus, que nos permitiu realizar uma tal experiência na Itália do Norte; também exprimimos o nosso sincero reconhecimento ao Irmão Schubert, pela ajuda que concedeu a todos os Obreiros associados neste esforço.

Queira Deus que outras campanhas como esta, se possam efectuar, com igual êxito, por toda a parte, nos países católicos da nossa Divisão.

São estes os nossos votos muito sinceros.

E que a paz de Cristo governe (reine) nos vossos corações, para a qual também fostes chamados, formando um só corpo, — A paz de Jesus para a qual Deus nos chamou, enche-nos os corações, permitindo-nos realizar a unidade cristã.

e sede (tornai-vos) reconhecidos. — O termo grego GINESTHE, *tornai-vos* insinua que o objectivo ainda não se alcançou, e que temos de tender para ele, sem cessar. — *Tous-saint*, p. 174, nota 18.

A palavra de Cristo habite em vós ricamente (abundantemente) em toda a sabedoria. — A palavra pregada por Jesus e pelos Apóstolos, fonte de sabedoria, deve estabelecer-se nos nossos corações.

instruindo-vos e admoestando-vos uns aos outros. — O cristão não se deve preocupar unicamente com a sua própria salvação; também deve ter a peito o progresso intelectual e moral dos seus irmãos na fé.

com (por) salmos, hinos, e cânticos espirituais. — Os membros da Igreja edificam-se mutuamente pelos seus cânticos.

em (com) reconhecimento, cantando nos vossos corações (do coração) a Deus. — É a gratidão do cristão para com Deus que se exprime pelo canto.

E tudo o que puderdes fazer, por palavras ou por acções, (fazei) tudo em nome do Senhor Jesus. — Não dizer nem fazer, senão o que puder receber o selo da aprovação divina.

dando graças a Deus e Pai, por Ele. — «Como Jesus é o intermediário pelo qual todas as bênçãos divinas descem de Deus sobre nós, também é o intermediário pelo qual as nossas acções de graças sobem até Deus.» — Oltramare, p. 428.

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

RELATÓRIO DE VENDAS REFERENTE A DEZEMBRO DE 1959

NOMES DOS COLPORTORES	HORAS	LIVROS		REVISTAS		Valor Total
		N.º	VALOR	AVULSO	ASSINATURAS	
Weber da Conceição Costa	110	—	—\$—	75\$00	4.250\$00	4.325\$00
Inácio Duarte Conceição	170	16	320\$00	170\$00	3.350\$00	3.840\$00
António Gomes Duarte	175	7	100\$00	75\$00	2.250\$00	2.425\$00
Eliseu Gomes	67	2	40\$00	15\$00	2.050\$00	2.105\$00
M. Luísa Saboga Serra	90	—	—\$—	—\$—	1.750\$00	1.750\$00
João António	198	58	1.670\$00	—\$—	—\$—	1.670\$00
João António	114	2	60\$00	40\$00	1.550\$00	1.650\$00
Isaias da Silva	105	26	464\$00	185\$00	850\$00	1.499\$00
Artur Abreu de Oliveira	72	—	—\$—	10\$00	1.100\$00	1.110\$00
Arnaldo Martins	86	—	—\$—	—\$—	900\$00	900\$00
Jorge Raimundo V. Dias	108	9	84\$00	165\$00	550\$00	799\$00
M. Jorge de Mendonça	159	—	—\$—	230\$00	500\$00	730\$00
Elias Mendes Rodrigues	50	2	20\$00	—\$—	700\$00	720\$00
Domingas da C. Martins	72	1	30\$00	25\$00	650\$00	705\$00
M. da Conceição Rezende	24	2	160\$00	175\$00	300\$00	635\$00
Anselmo Gorgulho Almeida	57	4	130\$00	40\$00	450\$00	620\$00
Idalina Ferreira	23	1	80\$00	235\$00	150\$00	465\$00
Adelino Nunes Diogo	16	3	100\$00	—\$—	300\$00	400\$00
Joaquim Conceição Marçalo	8	—	—\$—	—\$—	250\$00	250\$00
Zulmira Pinto Machado	26	1	80\$00	10\$00	50\$00	140\$00
Micaela do Céu Dias Silva	7	3	130\$00	—\$—	50\$00	180\$00
Diversos	—	—	—\$—	96\$00	800\$00	996\$00
Totais	1.737	137	3.468\$00	1.546\$00	22.800\$00	27.814\$00

RELATÓRIO DE VENDAS DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1959

NOMES DOS COLPORTORES	HORAS	LIVROS		REVISTAS		Valor Total
		N.º	VALOR	AVULSO	ASSINATURAS	
Inácio Duarte da Conceição	1.839	233	5.194\$00	905\$00	33.430\$00	39.529\$00
Manuel de J. C. Ratana	785	34	636\$00	5\$00	36.330\$00	36.971\$00
Eliseu Gomes	961	140	2.087\$00	180\$00	30.680\$00	32.947\$00
Adelino Nunes Diogo	1.108	513	4.905\$00	625\$00	22.000\$00	27.530\$00
António Gomes Duarte	1.779	136	2.440\$00	1.250\$00	19.000\$00	22.690\$00
Maria Luíza Saboga Serra	1.100	—	—\$—	20\$00	21.850\$00	21.870\$00
João António	1.802	1.251	20.534\$00	—\$—	—\$—	20.534\$00
Artur Abreu de Oliveira	976	82	2.331\$00	310\$00	16.665\$00	19.306\$00
A. Augusto Tomás P. Aguiar	451	16	505\$00	265\$00	17.550\$00	18.320\$00
Isaias da Silva	1.386	170	2.266\$00	1.620\$00	14.230\$00	18.116\$00
Joaquim Dias de Oliveira	380	38	1.095\$00	—\$—	14.860\$00	15.955\$00
Arnaldo Martins	1.261	2	40\$00	70\$00	13.500\$00	13.610\$00
Marcolino de Oliveira	1.718	373	3.690\$00	2.945\$00	4.900\$00	11.535\$00
Valério Fortes	150	200	7.168\$00	215\$00	4.100\$00	11.483\$00
Domingas Conceição Martins	1.102	35	1.030\$00	1.035\$00	9.050\$00	11.115\$00
Afonso António	1.669	318	7.483\$50	195\$00	2.800\$00	10.478\$00
Elias Mendes Rodrigues	613	64	1.646\$00	300\$00	6.900\$00	8.846\$00
Manuel Jorge de Mendonça	1.273	19	614\$00	1.942\$00	6.125\$00	8.681\$00
Weber Conceição da Costa	366	47	961\$00	260\$00	6.800\$00	8.021\$00
António Augusto Lopes	332	7	244\$00	80\$00	6.200\$00	6.524\$00
Eduardo Moniz de Andrade	106	12	525\$00	140\$00	5.720\$00	6.385\$00
Maria da Conceição Rezende	221	32	1.265\$00	1.225\$00	3.400\$00	5.890\$00
Anselmo Gorgulho Almeida	341	66	1.722\$00	675\$00	2.750\$00	5.147\$00
Francisco Quintino	92	1	30\$00	600\$00	4.350\$00	4.980\$00
Joaquim Conceição Marçalo	198	35	477\$00	480\$00	2.650\$00	3.607\$00
Zulmira Pinto Machado	838	11	640\$00	105\$00	2.700\$00	3.445\$00
João Machado Cardoso	73	—	—\$—	—\$—	2.400\$00	2.400\$00
Joaquim Reis Lopes	52	—	—\$—	—\$—	1.200\$00	1.200\$00
Jorge R. Ventura Dias	120	17	140\$00	175\$00	800\$00	1.115\$00
Micaela do Céu Dias Silva	41	11	500\$00	10\$00	350\$00	860\$00
Judite Gabriela Aguiar	20	—	—\$—	—\$—	850\$00	850\$00
António Miquelino	24	20	778\$00	—\$—	—\$—	778\$00
Daniel Freire	14	5	400\$00	—\$—	—\$—	400\$00
João Parreira Lopes	22	—	—\$—	5\$00	300\$00	305\$00
Diversos	321	405	14.897\$00	1.488\$50	21.558\$00	37.943\$50
Totais.....	23.534	4.293	86.244\$00	17.125\$50	335.998\$00	439.367\$50

«AVANÇAI PELA FÉ»

«Os hebreus estavam cansados e possuídos de terror; não obstante, houvessem eles ficado para trás quando Moisés lhes ordenou que marchassem, houvessem-se recusado a aproximar-se mais do Mar Vermelho, nunca haveria o Senhor aberto um caminho para eles. Marchando até à própria água, mostraram ter fé na Palavra divina proferida por Moisés. Fizeram tudo o que lhes estava ao alcance, e então o Poderoso de Israel fez a Sua parte, e dividiu as águas para lhes oferecer aos pés uma vareda.

As nuvens que se adensam em torno do nosso caminho nunca hão-de desaparecer diante dum espírito vacilante, duvidoso. Diz a incredulidade: «Nunca poderemos transpor esses obstáculos; espere-mos até que sejam removidos, e vejamos claramente o caminho». A fé, no entanto, insiste corajosamente num avanço, esperando tudo, em tudo crendo. A obediência a Deus trás certamente a vitória. É unicamente pela fé que podemos alcançar o Céu.

Grande é a semelhança entre a nossa história e a dos filhos de Israel. Deus conduziu o Seu povo do Egipto ao deserto, onde guardar-Lhe a Lei e obedecer-Lhe a

Sua voz. Os egípcios que não tinham nenhuma consideração pelo Senhor, achavam-se acampados perto deles; todavia, o que para os israelitas era uma abundância luz, iluminando todo o acampamento e lançando claridade sobre o caminho que lhes estava em frente, para as hostes de Faraó constituía um muro de nuvens, tornando mais negra a escuridão da noite. Há presentemente da mesma maneira, um povo a quem Deus fez depositários da Sua Lei. Para os que Lhe obedecem, os mandamentos do Senhor são qual coluna de fogo aclarando e indicando o caminho para a salvação eterna. Para os que os desprezam porém, são como sombras da noite». O temor do Senhor é o princípio da sabedoria «Salmos, 111:10». Test. I Pág. 450.

O povo de Deus dos últimos dias está actuando à semelhança das hostes da Israel em presença dos Faraós do século, sem dúvida que nós como povo de Deus estamos empenhados numa árdua tarefa após a nossa saída do Egipto deste mundo com destino à Terra de Ganaam Celestial. Assim como o Senhor escolheu um povo e designou um líder Moisés, em Israel, para a realização da Sua



Grupo que colaborou na distribuição dos folhetos «Os Dez Mandamentos»

obra em presença das adversidades de grande envergadura naqueles dias, assim hoje Deus apela ao Seu povo para que avance pela fé na disseminação da Mensagem para estes últimos dias da história do mundo. Constitue doutrina fundamental a Fé de Jesus e a Observância dos Seus Mandamentos. Seguindo o critério da Palavra de Deus, devemos lançar a semente sobre todas as águas... tal como aconteceu nos dias de Neemias assim é hoje, as «águas» representando povos e Nações, lançaram a Lei de Deus para trás das costas. Neemias, 9:26. De novo O Senhor manda avançar o Seu povo, e os nossos irmãos avançaram a semana passada na distribuição de 5000 folhetos os «Dez Mandamentos», precisamente à porta de um dos Cinemas desta cidade, onde milhares de pessoas têm ido ver a exibição deste filme tentador, e que não corresponde na totalidade segundo os comentários de acreditadas revistas e jornais não somente na Europa como na América. O grupo de irmãos e irmãs que se lançaram na distribuição dos folhetos foi incansável e durante quatro noites consecutivas os nossos Irmãos fizeram uma sementeira maravilhosa, que mais tarde ou mais cedo produzirá os



Igreja Adventista em Luanda

A «VOZ» DA JUVENTUDE HODIERNA E O SEGUNDO ADVENTO DE CRISTO

Sempre se torna difícil escrever sobre a Juventude pois a complexidade dos seus problemas não se pode, de modo nenhum, limitar às considerações de uma simples epístola. Por isso mesmo, procurarei afastar-me da apreciação longa e sempre maçadora de questões já gastas pela rotina dos temas. Entretanto talvez possa discorrer um pouco sobre «A voz da Juventude de hoje». E que se descobre nesse assunto?!

Através do estudo e observação das camadas jovens somos levados a concluir que, efectivamente, a sua «voz» tem o seu quê de angustioso e significativo. Sabemos que, na nossa época, a ânsia da descoberta é o tema mais vulgar do espírito e também conhecemos que, a exuberância imaginativa do adolescente tende, sobretudo, para o endeusamento do próprio indivíduo. Os vislumbres da queda deste mundo, como reflexo do cumprimento das Profecias, são realidades que passam «conscientemente» despercebidas a uma Juventude para a qual o porvir se apresenta muito denso e cheio de interrogações. A incerteza do que poderá acontecer, de um momento para o outro, será, porventura, a expressão da «voz» que caracteriza a mocidade de um mundo em decrepitude!

seus frutos! Recebemos já a primeira carta pedindo mais literatura como resultado da distribuição destes folhetos. Aguardamos mais resultados pois a Palavra de Deus terá o seu cumprimento como lemos em: Eclesiastes 11:1-6.

É agora a hora de avançarmos pela fé no Senhor enquanto as oportunidades se nos deparam, pois aproxima-se o dia em que ninguém mais poderá trabalhar. Disse Jesus: «Trabalhai não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida Eterna, a qual o Filho do homem vos dará... S. João, 6:27. Queira

Infelizmente, essa «voz» soa como nota toante no nosso planeta porque se adapta, de um modo perfeito, como o ambiente que a envolve. E, assim, quase se não dá por ela, tão bem a sua acção se ajusta ao mundo actual! Neste, o que interessa é a satisfação dos prazeres materiais que, como tudo o que à Terra diz respeito, também passarão! Mas, aos jovens crentes nas «Verdades Eternas» não é estranho o «grito angustiante» da gente moça da nossa época porque isso, constitui para eles, a confirmação plena de que as doutrinas das Sagradas Escrituras ainda não envelheceram

Tenho contactado com inúmeros colegas que, por vezes, me deixam triste com o absurdo das suas afirmações. As ideias modernas enchem-lhes o pensamento; deixam-se levar, incompreensivelmente, pela onda anónima da indiferença sem atenderem àquilo que eleva o homem à semelhança do seu Criador. Todavia, por mais que procuremos modelos neste mundo não poderemos encontrar algum que tão fortemente nos impressione como a figura desse jovem que foi Jesus Cristo!

Lançando um olhar retrospectivo à história da humanidade encontramos por exemplo, a derrocada da civilização Romana. O povo

o Senhor abençoar cada alma que recebeu os folhetos e bem assim todos os que tomaram parte nesse trabalho e que uma grande messe de almas se venha a unir ao povo de Deus que tem a fé de Jesus e guarda os Seus Mandamentos, e que naquele dia todos nos posamos encontrar com o Senhor face a face e ouçamos as sublimes palavras de boas-vindas, ...entra no gozo do teu Senhor. S. Mateus, 25:21.

Luanda, Fevereiro, de 1960

A. J. Rodrigues

deixou-se dormir à sombra das vitórias; os jovens foram dominados pelos prazeres físicos; os corpos foram enfraquecendo pela ociosidade e, pouco a pouco, tornaram-se incapazes de se submeterem a qualquer acção violenta. No entanto, o inimigo não dormia e, quando menos se esperava, o Império Romano foi invadido e desmantelado sem que o povo pudesse opor-se já que, a corrupção dos costumes, lhe tirara aquele vigor indispensável à rude «arte bélica». O que se seguiu foi a «decadência» e, este termo, diz tudo... É o que hoje se passa.

Comparemos o viver dos romanos no seu período decadente com a época actual e verificaremos que as divergências não são muitas. Se relacionarmos agora os bárbaros com a iminente vinda de Cristo teremos dois quadros que se identificam admiravelmente!

Observando atentamente a Bíblia vamos encontrar o que nos poderá adestrar para o Grande Acontecimento que mais e mais se aproxima. Nessa altura «A Voz da Juventude Hodierna» certamente emudecerá, até porque, há-de passar imperceptível, ao Redentor do mundo. É um «linguajar» que lhe será estranho e, deste modo, não terá entrada nos arraiais da Eternidade. Podemos imaginar que atrapalhação a um jovem que não fosse capaz de transmitir, verbalmente, com aqueles que o rodeassem! Seria, a reedição duma Babel, o que se torna impossível, na Pátria Celeste.

O mundo aproxima-se do seu fim e os jovens adventistas devem agradecer ao Altíssimo a felicidade, de poderem conhecer a Sua «Voz» e terem, assim, o privilégio de interpretá-LA no último dia.

Entretanto é necessário que procuremos atender ao apelo da inspiração Divina que, através dos seus escritos nos adverte:... «prepara-te ó Israel para te encontrares com o teu Deus! (Amós 4:12)

Joaquim Esperancinha

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

Campistas MV ao trabalho

No último Verão, no Maciço Central da França, efectuou-se um acampamento de Missionários Voluntários, no qual tomaram parte 40 jovens.

Além das actividades habituais, inspiradas no método dos escoteiros (instalações rústicas, vida de patrulha, etc.) e outras excursões, jogos e uma bela ascensão, os nossos jovens MV empreenderam uma vasta campanha de colportagem, no decorrer da qual, venderam 2949 *Signes des Temps*.

Foi assim que mais de mil famílias tiveram ocasião de conhecer, graças aos MV a última mensagem do Senhor.

Jovens missionários

Cinco jovens estudantes, naturais de Boston resolveram aproveitar as férias grandes, como missionários na América Latina. Três deles trabalharam, em plena selva, dos quais dois serviram de intérpretes na região equatorial, e o

outro juntou-se aos prègadores americanos indígenas do Brasil; o quarto serviu de enfermeiro e o último fez de professor nos campos da juventude, em Cuba.

Todos estes cinco jovens resolveram tornar-se missionários, quando terminarem os seus estudos.

Conversões no mundo árabe

No fim do primeiro semestre do ano passado, cinco árabes receberam o baptismo e ficaram a pertencer à nossa igreja arménia de Beyrouth. Também outros quatro jovens árabes se baptizaram em Aramoun, no fim de uma campanha de evangelização.

A Mensagem no Iraque

O Governo do Iraque acaba de reconhecer a Igreja Adventista. Em consequência da futura nacionalização da medicina no Iraque, todos os empregados estrangeiros nos hospitais iraquianos, têm de abandonar aquele país.

Os nossos irmãos estrangeiros que se encontram nos hospitais do Iraque serão recebidos no Hospital Adventista da Líbia.

Os nossos Irmãos no Brasil

As três Uniões do Brasil totalizam um efectivo de mais de 50 000 membros de Igreja, o que coloca o Brasil, sob este aspecto, no quarto lugar das nossas igrejas, em todo o mundo.

O evangelismo no Chile

Arturo Schmidt, evangelista da Federação do Chile meridional empreendeu uma campanha de evangelização na região de Chillan. Para isso alugou o imenso ginásio da Escola das Belas Artes, que não foi suficientemente grande para conter todas as pessoas que desejavam assistir. Por isso teve de efectuar duas reuniões, por noite, para contentar toda a gente. Mais de 900 pessoas pediram estudos bíblicos e visitas a suas casas.

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

RELATÓRIO DE VENDAS REFERENTE A JANEIRO DE 1960

NOMES	HORAS	LIVROS		REVISTAS		Valor Total
		N.º	VALOR	AVULSO	ASSINATURAS	
Eliseu Gomes	140	4	100\$00	25\$00	13.100\$00	13.225\$00
Inácio Duarte da Conceição	166	11	130\$00	100\$00	5.150\$00	5.380\$00
Artur Abreu de Oliveira	127	2	60\$00	20\$00	4.300\$00	4.380\$00
António A. Tomás P. Aguiar	112	—	—	35\$00	2.600\$00	2.635\$00
Afonso António	98	—	—	20\$00	2.500\$00	2.520\$00
Isaías da Silva	86	—	—	75\$00	2.400\$00	2.475\$00
Arnaldo Martins	146	—	—	—	2.250\$00	2.250\$00
António Gomes Duarte	178	22	283\$00	25\$00	950\$00	1.258\$00
Manuel Jorge de Mendonça	148	—	—	95\$00	1.150\$00	1.245\$00
Adelino Nunes Diogo	25	—	—	240\$00	1.000\$00	1.240\$00
Jorge R. Ventura Dias	109	4	40\$00	105\$00	925\$00	1.070\$00
Domingas Conceição Martins	33	—	—	—	1.000\$00	1.000\$00
Maria Conceição Rezende	26	—	—	120\$00	700\$00	820\$00
Micaela Dias da Silva	36	7	185\$00	15\$00	500\$00	700\$00
Zulmira Pinto Machado	133	4	106\$00	10\$00	450\$00	566\$00
Elias Mendes Rodrigues	29	—	—	—	550\$00	550\$00
Diversos	205	152	1.787\$00	420\$00	500\$00	2.707\$00
Totais.....	1.797	204	2.961\$00	1.305\$00	40.025\$00	43.651\$00

O Chefe de Colportores

Orlando Costa

«LIVRAMENTO MARAVILHOSO»

«Louvarei ao Senhor em todo o tempo: o Seu louvor estará continuamente na minha boca.» «Cada dia Te bendirei, e louvarei o Teu nome pelos séculos dos séculos.» Salmos 34:1 - 145:2.

Grandes favores o Salmista recebeu das mãos do Senhor para da sua boca sair um cântico de louvor desta maneira.

As suas palavras demonstram uma gratidão sem limites por aquilo que o Senhor tinha feito por ele.

Sempre ouvi dizer, que aqueles que melhor nos podem compreender, são os que já passaram pelas mesmas experiências que nós hoje passamos.

Por isso eu posso compreender bem a expressão do Salmista, e tomo-a como se fosse minha; pois o que se passou com um filho meu, leva-me a usar as suas palavras, por elas expressarem o que me vai no íntimo.

Quero contar-vos uma experiência que, sendo muito simples, podia ter tido consequências desastrosas.

Uma noite, depois dos trabalhos diários da Missão, conforme o nosso costume depois do jantar, sentámo-nos, eu para ler e minha mulher para dar uns pontos, enquanto meus filhos Nelson e José, se entretinham brincando, até que se fizesse o culto vespertino, para depois se deitarem.

O Nelson, depois de brincar um pouco, resolveu fazer alguns deveres da escola e o irmão quis imitá-lo, fazendo riscos num papel.

Arranjou um lápis e veio pedir-me papel.

Para não interromper a leitura, mandei-o ver no cesto dos papéis ao pé da secretária, se lá estava algum que lhe servisse.

Mal pensava eu o que poderia ter acontecido, só por não me querer levantar e dar-lhe o papel, se o Senhor não tivesse posto a Sua mão sobre o menino.

Por duas ou três vezes foi ao cesto dos papéis procurar um que lhe conviesse, e depois de uma das

vezes ter mexido tudo muito bem, ouvi-o exclaimar:

— Papá, está um bicho aqui no cesto dos papéis.

Levantei-me rapidamente e fui ver de que se tratava.



O José indica o sítio onde estava a serpente

Não podem calcular como fiquei ao ver no rebordo do cesto, uma serpente das mais venenosas que por aqui há; uma surucucu.

Na família dos ofídios, é das

piores, sendo a sua mordedura bastante perigosa, podendo até ser mortal.

Meu filho certamente lhe teria mexido ao voltar os papéis no cesto, mas nada lhe sucedeu, graças ao Senhor.

Como entrou a serpente, tendo nós portas de rede com molas, para que se conservem sempre fechadas, não o sabemos.

Uma coisa sei. O Senhor pôs a Sua mão sobre o menino e o guardou.

Com a luz do candeeiro, a serpente foi para o chão, metendo-se entre a secretária e a parede. Deixei-lhe uma pancada para a matar e ela virava a cabeça para mim e soprava com força.

Felizmente foi morta, e quando a medi verifiquei que tinha meio metro de comprimento. Podia ter feito um bom estrago.

Ainda hoje, meu filho diz que o Senhor Jesus o guardou e que não se esquece disso.

Ele, por ser tão pequeno, poderá esquecer, mas eu não esquecerei tão grande benefício que o Senhor me concedeu, por isso «Louvarei ao Senhor em todo o tempo, o Seu louvor estará continuamente na minha boca».

Que o Senhor livre de todos os perigos, os que trabalham nas Missões, é a oração dum pai agradecido.

Missão do Cuale, 15 Fev., 1960

C. A. Esteves

Trabalhar diligentemente por Deus

«E, TUDO QUANTO FIZERDES, FAZEI-O DO CORAÇÃO»

Há uma grande obra que deve ser feita no mundo. Homens e mulheres devem ser convertidos não pelo dom das línguas nem por milagres, mas pela pregação de Jesus crucificado.

Por que tanta delonga na obra de tornar o mundo melhor?

Por que esperar por alguma obra maravilhosa que deve surgir?...

Em tudo o que fizermos, quer seja no nosso trabalho numa loja, quer no campo ou no escritório, devemos esforçarmo-nos: — por ganhar almas. — Review and Herald, 5 de Janeiro de 1905.

A PARÁBOLA DO RICO E DE LÁZARO

Conceito, Escopo e Estrutura Didáctica das Parábolas

A parábola do rico e de Lázaro, registada em S. Lucas 16, é citada, comumente, em abono de um estado consciente entre a morte e a ressurreição. Muitos cristãos apegam-se a esta parábola, com veemência, pretendendo que seja uma âncora potente da doutrina do «galardão ou do castigo imediato logo após a morte».

No entanto, em face das mais puras normas exegéticas fixadas pelos teólogos, essa narrativa deve ser rejeitada, como prova da suposta imortalidade natural.

Nem poderia ser de outra forma, uma vez que o Mestre nunca sancionaria com a sua palavra infalível, uma crença notoriamente pagã e em franca oposição com a verdadeira natureza do homem.

Comprova-se, assim, que a tese da imortalidade natural, se não pode defender baseada na Bíblia, e que forçá-la, por artifícios de interpretação, julgamos que é mau serviço para com a verdade.

Que é uma parábola?

O presbiteriano Howell define-a «como provindo de um termo grego, significando, literalmente, *justapor, comparar*, indicando uma comparação. Designa de um modo geral, um dito breve e sentencioso, exprimindo uma verdade *geral* de aplicação prática. Foi um bom método de ensino adoptado por nosso Senhor, com o objectivo de revelar a verdade àqueles que estavam em condições de a receber e de a aproveitar, ao passo que ocultava os mistérios do Reino aos indignos.

...As parábolas, portanto, são discursos breves e independentes que exprimem uma verdade sobrenatural de um modo figurado e frisante, pela contraposição da verdade oculta e da imagem sensível que a representa (1).

Mas Hastings considera a sua origem mais remota, dizendo que as parábolas avultam no Velho Testamento, provindo do hebraico

Por ARNALDO B. CRISTIANINI

mashal significando «ser semelhante», ocorrendo entre outros passos, em Números 23:7; Job 27:1; Salmo 78:2; Ezequiel 17:2; e Habacuc 2:6 (2).

Do próprio conceito se pode inferir que o que se *assemelha*, o que se *compara*, o que se *põe em paralelo* não pode ser real, mas alegórico ou figurativo; sendo assim, a verdade ou o ponto de doutrina em foco está na aplicação do tema da parábola, e não no conteúdo em si.

Por isso, os hermeneutas (isto é os que interpretam) fixaram certos princípios no que diz respeito à interpretação dessa espécie de narrativa didáctica. Para o nosso objectivo não interessa a distinção que alguns exegetas (intérpretes) estabelecem entre «parábola», «sí-mile», «metáfora», «alegoria», «apólogo», até mesmo «fábula», uma vez que todas estas narrativas, comparações ou provérbios não passam, estruturalmente, de ficção. Este aspecto irreal ou de ficção, isto é, de imaginação, é conclusivo na apreciação das verdades que estas pequenas histórias se destinam a ensinar, e cuja interpretação obedece ao mesmo critério técnico.

Diz um conhecido teólogo: «A ficção é um apreciável veículo de verdade espiritual. Parábolas e mesmo fábulas, podem transmitir lições valiosíssimas. Em Juizes 9:14 e 15, as árvores, a videira, o espinheiro, todas *falam*. Se a verdade pode ser transmitida em mito ou lenda, certamente Deus pode utilizar-se de tais métodos para a comunicar» (3).

Mas, perante uma narrativa alegórica, bem como tudo o mais em matéria bíblica, o essencial é conhecer o que o autor tinha em mente, ao enunciar os seus ensinamentos, ou quando proferiu as suas parábolas, e harmonizar essas afirmações com o teor geral da Sa-

grada Escritura. É indispensável, portanto, saber o que o autor *pretendeu dizer* e não o que *desejariamos* que ele dissesse. Há o clássico exemplo de Isaías 33:14; que diz: «Quem dentre nós habitará com as labaredas eternas?»

Poderia alguém provar a eternidade das penas do inferno com este passo? Fora do contexto poder-se-ia inculcar tal ensino, mas seria, então, o absurdo mais clamoroso, uma vez que o profeta está falando a respeito de Deus.

Descobrir o que o autor queria ensinar — eis a chave da questão. E, quando se trata de alegorias ou de parábolas, é necessário atinar com o escopo principal, e não se deixar prender pelos pormenores ou minudências, que são meros acessórios.

O doutor Joseph Angus (baptista) num capítulo de interpretação, numa obra conhecida sobre a Sagrada Escritura, dá-nos este judicioso conselho acerca das parábolas: «Converter delicados pormenores em grandes verdades escriturísticas é obscurecer o grande desígnio do todo, *trazendo, assim, um significado para a parábola, em lugar de extrair dela o significado*; É este um hábito que nos pode levar aos mais sérios enganamentos, noutros lugares» (4).

Outro comentador afirma: «Acautelai-vos de tirar conclusões não fundamentadas de acontecimentos acidentais introduzidos nas parábolas, meramente para completar o quadro, mas que nada têm que ver com o assunto principal ou com a lição que deve ser ensinada» (5).

O abalizado autor evangélico, Rand, também é incisivo, quanto ao critério interpretativo das parábolas. Diz ele: «Quando se interpreta uma parábola, deve-se considerar, principalmente, e em primeiro plano a sua verdade básica e o seu principal desígnio. Os pormenores, embora significativos, não devem ser analisados de um modo indevido; e mesmo o aspecto particular que a parábola apresenta da

verdade divina não deve ser apreciado de modo a excluir outros aspectos apresentados noutras parábolas, nem deve colidir com os ensinamentos mais directos da Sagrada Escritura» (6).

Ocorre, agora, perguntar: Por que devem ser rejeitadas as parábolas, como base de doutrina?

Simplesmente, porque são ilustrações para realçar um ensino, e não enunciados positivos de ensino.

É por que há acordo unânime entre os teólogos em admitir o critério da relegação dos pormenores, como fontes de ensino?

Eis algumas razões, em forma de exemplos:

1. — Quando, querendo ilustrar o facto de que não expulsava demónios, por virtude de Beelzebú, Jesus afirmou que ninguém pode «entrar em casa dum homem valente e furtar os seus bens, se primeiro não manietar o valente, saqueando, então, a sua casa» (S. Mateus 12:29), estaria Jesus a prègar o roubo, o saque, a pilhagem e o amordaçamento dos chefes de família?

É evidente que a resposta é não. Estes pormenores da parábola ou ficção não constituem ensino. São meros acessórios — a armação da parábola.

2. — Quando Jesus, querendo ensinar a previsão e o cálculo prévio dos empreendimentos, afirmou que nenhum rei vai à guerra, sem primeiro levantar a estatística dos seus contingentes militares (S. Lucas 14:31), estaria Jesus a prègar a guerra? Estaria, porventura, a dar conselhos sobre preparativos bélicos?

A resposta também é negativa.

Estas minúcias da ilustração não contêm ensino. Jesus serviu-se da figura ocasional de exército como meio para atingir um fim: ensinar a sermos providentes, antes de emprendermos alguma coisa de monta.

É evidente que os acessórios não têm ensino em si mesmos; são meros degraus didácticos (de ensino) que são escallados para se atingir o cimo: o escopo da parábola.

3. — Quando Jesus contou a parábola do mordomo infiel, afirmando que este usou de um expediente nada honesto para se garantir no futuro (S. Lucas 16:1-8), estaria, porventura, a ensinar a desonestidade?

Estaria a recomendar-nos tais processos escusos?

É evidente que não. Esse enredo não trás ensino em si mesmo. O que Jesus quis ensinar é que também devemos ser sábios em fazer provisão para o futuro.

4. — A parábola de Jotão, relatada em Juizes 9:8-15, das árvores que «foram uma vez a ungir um rei para si», destinava-se, porventura, a ensinar que as árvores alguma vez falaram, como nos famosos contos da Carochinha?

É claro que não. O enredo da fabuleta, atribuindo vida, acção e voz a coisas inanimadas, não constitui ensino em si mesmo, pois conduziria aos maiores disparates.

Poderíamos apresentar outros exemplos, mas os citados bastam para justificar a razão por que os teólogos não se servem das alegorias bíblicas para nelas firmarem doutrinas, assim como não consideram as minúcias como fontes de ensino. «É regra aceita, em teologia que as doutrinas não devem ser baseadas sobre parábolas» (7).

O já citado Dr. Angus, tratando de alegorias, e escreve: «A regra essencial da interpretação é compreender o escopo de uma alegoria, ou pelo contexto, ou pelos passos paralelos, obtendo-se, assim, a verdade principal, que se procurou realçar, interpretando todos os acessórios, de harmonia com a verdade central» (8). E ainda mais adiante escreve: «Qualquer interpretação que se dê a uma parábola ou alegoria, que não esteja em conformidade com a grande verdade com a qual ela tem relação, deve ser rejeitada» (9).

Como veremos, noutro estudo, a parábola do rico e de Lázaro não tem nenhuma finalidade escatológica, e as cenas accidentais que nela se descrevem, não abonam a crença pagã do estado consciente após a morte.

Resumindo, diremos, que parábola é uma ilustração, de enredo imaginário, com o objectivo de confirmar uma verdade já definida na Sagrada Escritura. Era um recurso didáctico (isto é de ensino) que Jesus, o Mestre dos mestres, utilizava frequentemente, e em que se destacavam três factos:

- a) o seu conteúdo de ficção, isto é de imaginação;
- b) não era fonte de ensino doutrinário directo;
- c) o ensino residia no objectivo específico da história e não nas minúcias nem nas partes acessórias.

Este critério já firmado entre os exegetas, é denominado «moderado». Não chega ao extremo de Cocejus que admitia um sentido literal, em cada palavra da parábola, nem ao exagerado simbolismo dos gnósticos e dos neoplatónicos, que influenciou alguns autores dos primeiros séculos da era cristã.

A Epístola de Barnabé é um clássico exemplo da indevida espiritualização de sentido em minúcias e factos do Velho Testamento. Também Agostinho de Útica (S. Agostinho) acentuou o simbolismo na interpretação.

«In medio virtus» — dizem os latinos. As mais sadias normas exegéticas dão o mais racional, lógico, claro, e precioso modo de interpretar as parábolas.

Mas a narrativa do rico e de Lázaro será, realmente, uma parábola? É o que estudaremos em próximo artigo.

- (1) J. Beatty Howell, Comentário ao Evangelho Segundo Mateus, p. 452.
- (2) James Hastings, Dictionary of the Bible, p. 679.
- (3) A. H. Strongs, Systematic Theology, p. 241.
- (4) Joseph Angus, História, Doutrina e Interpretação da Bíblia, p. 181.
- (5) H. M. S. Richards, «Duas orações não atendidas no Inferno».
- (6) W. W. Rand, Diccionario de la Santa Biblia, art. «Parabolas».
- (7) F. D. Nichol, Answers to Objections, nota, p. 567.
- (8) Joseph Angus, obra citada, p. 174.
- (9) Ibidem, p. 180.

NOTÍCIAS DO CAMPO

Visitas

Pastores W. A. Wild e E. Naenny — Estiveram em Portugal os pastores Wild e Naenny, vindos da Divisão Sul Europeia e respectivamente, Secretário da nossa Divisão e Secretário do Departamento de Publicações da mesma.

O pastor Nenny dirigiu um esplêndido curso de corportagem e colaborou na evangelização dirigindo a palavra às Igrejas de Lisboa, Cascais, Coimbra, Porto, Vila do Conde, Canelas e Avintes.

O pastor Wild que veio para nos ajudar nos trabalhos do conselho anual da nossa União, também nos auxiliou grandemente na evangelização, tendo prêgado nas Igrejas de Lisboa, Cascais e Setúbal.

A estes nossos irmãos que já regressaram à Suíça, desejamos agradecer-lhes a sua preciosa colaboração e agradável visita, bem como desejar-lhes igualmente grandes bênçãos nos seus trabalhos.

Pastor Francisco Cordas e sua Família — Regressaram de Cabo Verde o pastor Francisco Cordas e sua Família que durante vários anos ali exerceram as suas actividades.

O Irmão Cordas irá tomar conta da Igreja de Beja, sendo seu substituto na directoria da Missão de Cabo Verde e conforme já noticiámos, o pastor Manuel Laranjeira que já ali se encontra.

Desejamos ao nosso Irmão e sua prezada família abundantes bênçãos celestiais.

Aguardando a ressurreição

Venho, através destas linhas, cumprir o doloroso dever de anunciar a todos os Irmãos e leitores das colunas desta Revista, que no dia 2 de Fevereiro, adormeceu no Senhor, vítima de um brutal acidente de viação, o nosso estimado Irmão Adelino Pinto de Sá, membro da Igreja de Canelas.

Dotado de um temperamento dócil, aliado a um sentimento de



Irmão Adelino Pinto de Sá

bem fazer através do seu zêlo missionário, dedicou à «sua igreja», que ele tanto amava, o melhor do seu carinho e dedicação. Por isso a Congregação Adventista de Canelas jamais esquecerá tão prestigioso Irmão e aguarda poder encontrá-lo no dia da ressurreição dos justos.

Ao seu funeral juntou-se uma grande multidão, largamente representada pelos Irmãos das Igrejas de Porto e Canelas, à qual tivemos ensejo de dirigir a Palavra chamando a atenção para a futilidade da vida terrena e da bem-aventurada esperança da vida eterna por Cristo Jesus Nosso Senhor.

À Família enlutada, e em especial a sua esposa e filho, nosso Irmão Adelino Brandão de Sá, endereçamos os nossos mais sentidos pêsames e lembramos a bem-aventurada esperança da ressurreição.

«Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor, Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam.» (Apoc. 14:13).

J. J. Laranjeira

Casamento

Perante numerosa assistência, de irmãos e amigos, realizou-se,

na nossa igreja, em Lourenço Marques, o enlace matrimonial dos nossos jovens Magda Gomes Lopes e Manuel Duarte Cascalheira. Após o acto do registo civil, que teve lugar num dos escritórios da Missão, anexo à igreja, os noivos e convidados deram entrada na sala de culto, que se achava vistosamente decorada com flores brancas, ao som da marcha nupcial de Mendelssohn tocada ao órgão.

Sendo a primeira vez que na Igreja Adventista de Lourenço Marques se realizava uma cerimónia desta natureza, breve a sala e o vestíbulo ficaram repletos por uma assistência curiosa de presenciar tão solene acto.

O Pastor M. Lourinho, que presidiu à cerimónia, proferiu uma alocução adequada às circunstâncias, referindo-se especialmente aos ensinados da Palavra de Deus que estão à base da felicidade da família e da Sociedade.

O jornal «Notícias», de Lourenço Marques, publicou uma notícia da cerimónia acompanhada duma fotografia dos noivos e assistentes.

Desejamos ao simpático casal as maiores bênçãos do Céu no seu novo lar.



Os noivos e o Pastor Lourinho

CURSO DE COLPORTORES



Grupo de Colportores com os Dirigentes da União

Sob a orientação do Pastor Neanny da Divisão Sul-Europeia, efectuou-se o Curso de Colportores, na igreja de Lisboa.

Nele tomaram parte os nossos colportores com o seu novo Chefe, Irmão Orlando Costa.

O Curso decorreu com as suas sessões matinais e vespertinas, desde o dia 14 até o dia 18 de Fevereiro.

Foi numa atmosfera de verdadeira consagração espiritual, repleta de grande entusiasmo, da parte de todos os seus participantes, que se efectuaram as várias sessões, tanto de estudos, como de meditações e de cultos.

Os trabalhos iniciaram-se, todas as manhãs, às nove horas, com o Culto Matinal, que foi iniciado pelo Director da União Portuguesa, Pastor Casaca.

Foi o Pastor Ribeiro, Secretário da União e Pastor da Igreja de Lisboa, quem iniciou os trabalhos vespertinos no mesmo dia.

Todos os dias o Pastor Neanny teve oportunidade de dirigir as suas mensagens aos Colportores, tendo sido, sempre ouvido com a máxima atenção e subido interesse.

Também a Congregação de Lisboa teve o privilégio de ouvir o Pastor Neanny nos cultos da

noite, que estiveram sempre a seu cargo, com inspiradas mensagens acompanhadas de projecções.

O Curso de Colportores de 1960 foi orientado de acordo com o pensamento da Irmã White: «Temos a Palavra de Deus para mostrar que o fim está próximo. O mundo deve ser admoestado, e, como nunca antes, devemos ser cooperadores de Jesus. Foi-nos confiada a obra de admoestar. Temos de ser transmissores de luz ao mundo, comunicando aos outros a luz que recebemos do grande Portador de Luz».

O Curso que soube enlaçar, admiravelmente o duplo aspecto teórico e prático, efectuou uma visita a uma tipografia, pondo, assim, os colportores em contacto com as realidades que se relacionam, directamente com a sua elevada missão.

Estamos certos de que todos os nossos Colportores se sentirão, sempre e, cada vez mais animados, em trabalhar pela causa do Mestre, lembrando-se de que «Uma grande obra pode ser feita pelo colporteur evangelista. O Senhor deu aos homens tacto e capacidades. Aos que usam estes talentos que lhes foram confiados para a Sua glória, entretecendo princípios bíblicos na textura, será concedido êxito. Devemos trabalhar e orar, colocando a nossa confiança n'Aquele que nunca falta» (Irmã White)..

Possa o Ano de 1960 ser ricamente abençoado, também, na elevada e consagrada obra da Colportagem.

Em todos os lares adventistas devia encontrar-se a nossa Revista para lhes comunicar as notícias mais importantes sobre a difusão da Mensagem por todo o Mundo.

Prezado Irmão: Se ainda não assina a Revista Adventista, faça-o, desde já.

Os pesados fardos da TRADIÇÃO... inúteis e disparatados

Quando Lord Northoliffe assumiu a direcção do *Times*, em 1908, observou numa tarde de Sábado ao sair do seu escritório, que um individuo de aspecto vulgar e que levava uma pequena mala de mão, se dirigia, calmamente para o fundo do corredor, onde abriu uma porta e entrou. O Lord, intrigado com o caso, bate à porta e entra num quarto mobilado à antiga; o tal desconhecido acabava de acender um bico de gás e preparava-se para aquecer a comida. O novo director perguntou-lhe, então, quem era e o que fazia ali. O desconhecido disse-lhe que era empregado do Banco Countts e que ia ali passar todos os domingos, onde ficava até segunda-feira de manhã, acompanhado daquela estranha mala que continha a importante soma de mil libras esterlinas em moedas de ouro.

A razão de tal costume contava já um século de existência. Foi o caso, que por ocasião da famosa batalha de Waterloo, precisamente no dia em que se travou a batalha, todos os Bancos estavam fechados, na Inglaterra; por isso motivo, o director do *Times* não pôde levantar o dinheiro de que necessitava para mandar enviados do jornal para o campo da luta. Por isso, no dia seguinte, ficou combinado entre a direcção do *Times* e o Banco Coutts, que todas as vezes que o banco estivesse fechado, um dos seus empregados seria enviado com mil libras, para o edificio do jornal, afim de nunca ali faltar o dinheiro necessário para as suas reportagens.

Muito embora com o decorrer dos tempos tal prática se tornasse absolutamente desnecessária, o certo é que o costume ainda se mantém...

Assim também há, na nossa vida, trato social, tantos e tantos costumes enraizados pelo tempo, que são verdadeiramente descabidos, senão disparatados. Não têm razão de ser, mas nós — habitua-

dos a eles — lá os vamos levando na mala da nossa individualidade. Quase nem damos por eles. Ora isto acontece tanto nas nossas actividades físicas, como mentais. No nosso trabalho, somos capazes de transportar as tais malinhas, totalmente desnecessárias. Uma vez, por qualquer motivo, fizemos isso, e transformou-se em costume. Até podem ser coisas que dificultem o nosso progresso.

O mesmo se pode dar com o nosso raciocínio, com os nossos pensamentos, com as nossas crenças. Talvez levemos alguma «malinha» ou «mala», cuja razão desconhecemos. Não sabemos para que é que a transportamos, mas lá a vamos levando, por vezes a arquejar, pela estrada fora da vida. Talvez até sejam coisas prejudiciais à nossa personalidade, ou à nossa saúde espiritual. Mas lá as vamos levando, como se fizéssem parte de nós mesmos.

Quando o Czar Nicolau subiu ao trono, reparou, com o decorrer dos dias, que havia sempre uma sentinela junto de um canteiro do jardim do palácio. Averiguou que havia mais de um século a imperatriz Catarina, passeando um dia pelos jardins, viu naquele canteiro uma linda roseira a transbordar de magníficas rosas. Ordenou então que fosse ali postada uma sentinela para guardar as flores. Rolará o tempo, e, continuando a ordem em vigor, para ali se destacava sempre uma sentinela para não fazer nada!...

Outrotanto acontece connosco com muitas das nossas práticas e hábitos. Temos nós razões satisfatórias para a nossa atitude? Temos explicações plausíveis para as nossas crenças? Ou limitamo-nos, simplesmente, a seguir tradições e costumes, sem lhes analisar o valor real ou a utilidade?

Não sejamos sentinelas ignorantes, guardando tradições irrisórias, práticas absurdas, que muitas vezes contrariam preceitos de hi-

giene ou normas divinas. Procuremos a compreensão dos factos da vida, a razão daquilo que acreditamos e praticamos. Podemos, muitas vezes, fazer papel ridículo, tal como o da seguinte história.

Um camponês costumava carregar o burro com abóboras, que colocava de um só lado das cangalhas, colocando do outro, para equilibrar, alguns calhaus. Certa vez, encontrou alguém que estranhando a carga lhe disse que pusesse as abóboras dos dois lados das cangalhas e que assim, até o jumento poderia transportar mais abóboras. O homem, a princípio, não percebeu; mas o outro, deitando fora as pedras, distribuiu as abóboras pelos dois lados das cangalhas. O camponês pareceu ficar satisfeito e agradeceu. Passados tempos, o tal cavalleiro encontra, novamente o camponês, que voltara à «moda» antiga do transporte das abóboras e das pedras! Perante a admiração do outro respondeu boçal e lacônicamente: — Ora, ora, meu amigo, não me venha com novidades; deixe-me cá andar como estou habituado. Já o meu pai e o meu avô era assim que traziam as abóboras; eu não sou mais do que eles...

Há muitas pessoas civilizadas que usam expressões semelhantes para não aceitarem novos métodos nem novos ensinamentos. Rejeitam qualquer esclarecimento que lhes dê qualquer nova visão da vida. Por isso ouvimos, continuamente: «Já cá o encontramos, cá o havemos de deixar. Os meus pais nunca fizeram isso; nunca acreditaram nisso. Como eles fizeram, assim é que eu quero fazer!...»

Sabe-se lá, se os seus pais tivessem tido o conhecimento do verdadeiro caminho, se não o teriam seguido! A questão não consiste em saber, se o pai ou a mãe, se este ou aquele individuo fez assim ou não fez, se acredita nisto ou naquilo. O problema consiste no seguinte: o que faço ou a crença

Experiências atinentes às Escolas Sabatinas anexas da Divisão Inter-Americana

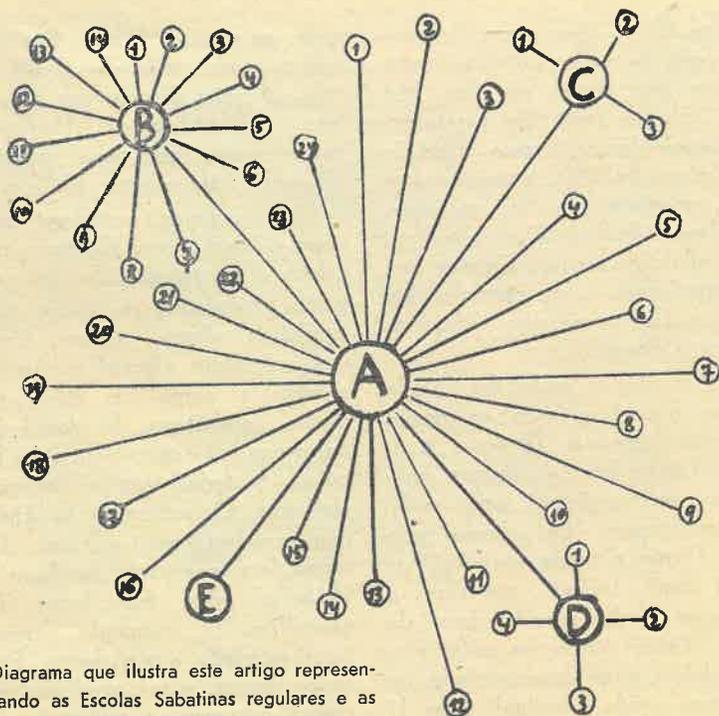


Diagrama que ilustra este artigo representando as Escolas Sabatinas regulares e as suas anexas, na cidade de Trujillo

O Secretário do Departamento da Escola Sabatina da Missão de Salvador escreve o seguinte:

«No bairro de Villa Delgado, onde tínhamos, primeiramente, aberto uma escola sabatina anexa, e em seguida fizemos reuniões, acabamos, agora, de organizar uma escola sabatina regular, de que já depende uma classe baptismal. É, na cidade de San Salvador, a quarta escola sabatina regular, que se constituiu a partir

de uma escola anexa ligada à nossa escola principal.»

Todas as semanas, na América Central, novos membros observam o Sábado, graças às escolas sabatinas anexas, porque estes organismos representam uma actividade missionária de primeira importância, na Divisão. Todas as semanas funcionam cerca de mil destas escolas. No fim de certo tempo, quando se desenvolveram, suficientemente, são transformadas em

escolas sabatinas regulares, excepto se os seus membros forem integrados na escola mãe.

O diagrama que acompanha este artigo, mostra o mecanismo da actividade das escolas sabatinas anexas da cidade de Trujillo (República de S. Domingos).

Se este diagrama fosse colocado sobre uma planta da cidade de Trujillo, poderíamos ver a posição das diferentes escolas anexas em relação com a igreja central, representada pela letra A.

Esta igreja tem 24 sabatinas anexas que funcionam regularmente, e ainda outras três maiores, designadas pelas letras B, C, D que se tornaram escolas regulares e que também as suas escolas anexas.

Segundo o esquema, verifica-se que a escola regular B já tem 14 escolas anexas. O total das escolas anexas da cidade é de 45. A letra E indica um grupo adventista que nasceu numa destas escolas.

A Divisão Inter-Americana está reconhecida a Deus pela existência do programa de evangelização efectuado pelas escolas sabatinas anexas; espera atingir, em breve, o alvo que se propôs neste domínio, e que é o de ter uma escola anexa para cada classe de adultos, da sua escola sabatina.

L. L. Reille

Secretário do Departamento da Escola Sabatina da Divisão Inter-Americana

que professo corresponde ou não à verdade; corresponde ou não ao que Deus revelou?

Há muitas inutilidades que se insinuam surrateiramente na vida dos indivíduos, como também das nações, e nos «costumes» da sociedade.

Muito haveria que dizer até a propósito das frases do nosso uso cotidiano, nos cumprimentos, nas saudações... Transportamos todos nós muita bagagem inútil.

Preferimos transportar as «pe-

dras» como equilíbrio nas cangalhas do nosso já bastante sobrecarregado burrico.

Até no mundo da Ciência, muitos inventores tiveram de lutar, tenazmente, contra estes mesmos argumentos: — os mestres antigos disseram de modo diferente; é contra Aristóteles... Recordemos aquele doutor da Sorbona que não queria olhar o céu, através das lentes de um telescópio, com receio de descobrir alguma coisa que fosse contrária ao ensinosa de Aris-

tóteles... Tal era a fúria do «Magister dixit»...

No terreno religioso encontrou Jesus a mesma oposição dos mentores espirituais do seu tempo. Não queriam deixar as tradicionais «pedras» rabínicas, que transportavam no seu desorientado burrinho. Por isso disse-lhes Jesus, certa vez: «Por que transgredis, vós, também, o mandamento de Deus pela vossa tradição?»

E que diria, hoje o Senhor Jesus!...